

RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REPRESENTAÇÕES PARA ALÉM DOS LIVROS DIDÁTICOS E SEUS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DAS CRIANÇAS

Debora da Silva Cardoso¹

Mariana Ciscato Baltrunas Prado de Mello²

RESUMO

Este artigo aborda a presença do racismo na sociedade e sua influência na formação de identidade das crianças, particularmente na Educação Infantil. O estudo ressalta que o racismo é um fenômeno estrutural que impacta várias esferas da vida, incluindo a educação. Os autores do referencial teórico, como Silvio Almeida, Eliane Cavalleiro e Heloísa Lima, destacam que ambientes escolares e materiais didáticos muitas vezes perpetuam representações negativas e estereotipadas da população negra, afetando a construção da autoimagem e da identidade das crianças. Eles enfatizam a importância de reexaminar o conteúdo desses materiais e espaços, além de capacitar educadores para reconhecer e combater o racismo nas escolas. A inclusão de representações positivas e a promoção de um discurso inclusivo são mencionadas como estratégias para desconstruir estereótipos e fortalecer a autoestima das crianças negras. A pesquisa seguiu uma abordagem teórica, com análise bibliográfica e fichamento dos materiais didáticos utilizados na Educação Infantil pelo sistema Mackenzie de Ensino e o Caderno do Professor, utilizado pelas escolas do Governo do Estado de São Paulo. Além disso, a pesquisa conta com um estudo de campo na EMEI Gabriel Prestes, de São Paulo, visando analisar os espaços e atividades realizadas. O objetivo foi identificar as representações raciais presentes nesses materiais e ambientes e compreender seu impacto na construção da identidade das crianças. Os resultados obtidos demonstraram a presença de estereótipos e a necessidade de adotar abordagens antirracistas, contribuindo para uma educação mais igualitária. Constatou-se também que representações positivas contribuem para a desconstrução de estereótipos. Compreendeu-se ser essencial um monitoramento contínuo e reflexão crítica constante para ampliar a diversidade racial.

Palavras-chave: Racismo, Crianças, Educação Infantil, Identidade, Materiais didáticos.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, o conceito de raça é algo controverso e sua origem ainda mais discutível. No entanto, desde o século XIX, o racismo é algo constantemente presente na sociedade, isto porque cientistas e médicos deste período, movidos pelo movimento positivista, teceram modelos explicativos para a diversidade humana, como a ideia de que características biológicas e condições ambientais fossem capazes de justificar diferenças intelectuais, morais e

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP, marianacbpmello@gmail.com;

² Professor orientador: Doutora e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, debora.sil@mackenzie.br.

psicológicas entre as diferentes raças. Em consequência disso, como ilustra ALMEIDA (2018) “a pele não branca e o clima tropical favoreciam o surgimento de comportamentos *imorais, lascivos e violentos*, além de indicarem pouca *inteligência*.”

Já no século XX, a Antropologia demonstrou que não existe na realidade natural o conceito de raça e garantiu a inexistência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar culturas, religiões ou a própria moral.

A cor da pele, além do formato do crânio, nariz, lábios e do queixo eram aspectos observados e elencados como características que separavam uma raça da outra. Porém, com o avanço da ciência e os estudos de genética, concluiu-se que havia semelhanças na constituição dos genes de todos os seres humanos. (SÃO PAULO/SME, 2022. p.26)

Portanto, com fundamentação em pesquisas e conclusões de geneticistas, Kabengele Munanga (2013) afirma que entre os Homo Sapiens, não existe espaço para a existência de raças distintas, uma vez que não se identificam diferenças biológicas substanciais que justifiquem a categorização com base em raças.

Durante a Segunda Guerra Mundial foi reforçado o fato de que a raça é um elemento essencialmente político, englobando não só comportamentos individuais, mas afetando também o funcionamento de instituições da sociedade, conferindo desvantagens ou privilégios com base na raça. ALMEIDA, 2018, enfatiza:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem. (ALMEIDA, 2018, p. 25)

No Brasil e em outros países da América do Sul, este aspecto está ligado aos colonizadores e colonizados. Aníbal Quijano (2005) explica que a questão racial foi uma ferramenta para separar grupos, criar hierarquias, relações de poder e definição de papéis sociais.

Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (QUIJANO, 2005, p.117)

Diante de tais evidências, fica claro que o racismo é um fenômeno que foi construído a partir de ideologias, preconceitos e estereótipos, que foram transmitidos entre gerações e se tornando tão estrutural que muitas vezes chega a ser inconsciente e não intencional. Evidentemente, a questão racial também envolve escolas e instituições de ensino, uma vez que estes são reflexos da sociedade em que estão inseridos, inclusive, as que atendem crianças pequenas da Educação Infantil de 0 a 5 anos. Por isso, é fundamental que educadores e gestores escolares repensem suas estratégias de

ensino, metodologias e currículo, trabalhando para não só evitar casos de racismo na escola, mas também combater ativamente o preconceito estrutural que envolve toda a sociedade — começando pela educação infantil e pelas crianças pequenas.

Almeida (2018) explica que o racismo é parte da ordem social e, por isso, situações corriqueiras de preconceito são facilmente reproduzidas e não questionadas por indivíduos, criando assim uma estrutura que oprime cidadãos pela sua raça. Sendo assim:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (ALMEIDA, 2018, p. 50)

Dados levantados pela organização Todos Pela Educação, mostram que a população negra possui menores oportunidades e acessos educacionais em comparação com a população branca. A começar pelos primeiros anos de vida: três em cada 10 bebês declarados pretos ou pardos frequentavam creches em 2018, o que representa 32% — o percentual de crianças brancas é de 39%.

A evidente falta de acesso escolar é uma grande consequência do racismo estrutural, uma vez que envolve a organização familiar das crianças que também são vítimas deste sistema. É um verdadeiro ciclo vicioso pois, desde cedo, as oportunidades da população negra são reduzidas.

Além de toda essa dificuldade estrutural, há ainda um fator importante: a representatividade — ou falta dela — em sala de aula e o discurso racista que alcança crianças de todas as idades. Isto é, mesmo passando por cima de adversidades, frequentando a escola e tendo disponibilidade para estudar, as crianças negras enfrentam algo muito mais profundo: uma representação racista de seus iguais nos ambientes escolares, livros didáticos e paradidáticos.

O objetivo desta pesquisa é analisar mais profundamente a questão racial nos ambientes, currículos e salas de aulas, além dos livros didáticos utilizados por educadores na educação infantil, especificamente, obras utilizadas para a faixa etária de 5 anos, e identificar as representações da população negra.

Especificamente, investigar como as representações existentes são feitas nas publicações e ambientes, se a representação da população negra é adequada e precisa, ou se há estereótipos, preconceitos e discriminações presentes nos livros didáticos, por exemplo. Uma vez que já foi provado, através de um estudo, realizado em 2023 e

coordenado pelo Hospital Mc Lean, em Massachusetts (EUA), que o racismo estrutural pode causar alterações físicas no cérebro das crianças. Sabe-se que a Educação Infantil é um momento crucial no desenvolvimento das crianças, portanto a maneira como os livros didáticos representam a diversidade é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, este artigo visa explorar sobre novas formas de tratar as questões de diversidade com as crianças pequenas e analisar autores e obras que exercem a função social de adotar um discurso inclusivo, respeitoso e amplo acerca de minorias, especialmente da população negra.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada, inicialmente, através de um estudo teórico sobre o tema envolvendo autores, pesquisadores e educadores que se dedicam à uma educação antirracista e os impactos que esta pauta tem na vida das crianças. Para fundamentar o referencial teórico, a análise foi feita através de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que esta tem o objetivo de levantar e analisar a questão racial, tão complexa, subjetiva e profunda, presente nos livros didáticos. É preciso consultar os materiais publicados para obter mais clareza no objetivo. A pesquisa bibliográfica envolve o material didático utilizado pelo sistema Mackenzie de Ensino para a Educação Infantil e o Caderno do Professor utilizado pelo Governo do Estado de São Paulo na Educação Infantil.

Para coleta dos dados, foi utilizado o modelo de fichamento, a fim de organizar as informações levantadas.

Além disso, também foi realizada uma pesquisa de campo, na EMEI Gabriel Prestes, localizada no centro de São Paulo. O propósito dessa pesquisa de campo foi analisar o ambiente escolar, atividades realizadas, propostas pedagógicas e a própria realidade das crianças.

Para esta etapa do estudo, foram considerados os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulista, que tem como objetivo

desenvolver um processo de autoavaliação institucional participativa que leve a um diagnóstico coletivo sobre a qualidade da educação promovida em cada Unidade, de forma a obter melhorias no trabalho educativo desenvolvido com as crianças. (SÃO PAULO, 2016. p. 7)

Especificamente, a Dimensão 5 do documento trata sobre Relações étnico raciais e de gênero, provocando as instituições de ensino e educadoras a assumirem um compromisso de pensarem práticas pedagógicas, utilização de materiais, brinquedos e livros, e a construção de ambientes que combatam qualquer tipo de preconceito ou discriminação racial. Portanto, os objetos de pesquisas foram textos, atividades, ambientes, personagens e imagens presentes nos livros – ou a ausência dessas representações – e como a população negra é retratada nas ações pedagógicas desenvolvidas com as crianças pequenas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como citado anteriormente, a questão racial está presente logo nos primeiros anos de vida de uma criança, seja no ambiente familiar e, não raro, dentro da escola, onde há a presença de outros sujeitos e materiais que ilustram a sociedade em que estão inseridos. Segundo Melo (2019), a construção da identidade da criança é decorrente de suas interações sociais, iniciadas no âmbito familiar e continuada no meio escolar:

A inserção da criança nos espaços de Educação Infantil se faz um universo social diferente do da família, favorecendo novas interações e ampliando, desta maneira, seus conhecimentos a respeito de si e dos outros. (MELO, 2019, p.1)

Portanto, é neste momento, que a criança negra passa a se enxergar e perceber as diferenças que a envolvem no decorrer da vida. Mas, segundo Cavalleiro (2000) os estudos sobre questões étnicas na Educação Infantil do Brasil são pouco explorados pois,

Geralmente, as pessoas tratam, preferencialmente, do ensino a partir do 1º grau. Talvez isso se deva às dificuldades que se tem em obter informações com crianças muito pequenas. Mesmo assim, as pesquisas realizadas apontam para a existência da problemática étnica na educação infantil. (Cavalleiro, 2000. p.36)

Os livros didáticos e infantis têm um papel relevante neste aspecto, uma vez que estão presentes em praticamente todas as escolas brasileiras. Acerca disso, Silva (1995) destaca:

Não é apenas o livro o transmissor de estereótipos. Contudo é ele que, pelo seu caráter de “verdadeiro”, pela importância que lhe é atribuída, pela exigência social de seu uso, de forma constante e sistemática logra introjetar na mente das crianças, jovens e adultos, visões distorcidas e cristalizadas da realidade humana e social. A identificação da criança com as mensagens dos textos concorre para a dissociação da sua identidade individual e social. (SILVA, 1995, pág.47)

A população negra, especificamente, é retratada em tais livros de forma inferiorizada, caricata, repleta de estereótipos e estigmas. Isto afeta, segundo Silva (1989), a imagem

representativa que a criança negra constrói de si mesma e da sua identidade, reproduzindo ideologias sobre inferioridade e superioridade envolvendo a própria raça.

A evolução do discurso antirracista nos livros didáticos e ambientes escolares

O livro didático ainda é uma das fontes mais utilizadas em sala de aula por professores e, no caso da Educação Infantil, o ambiente escolar e os livros paradidáticos são uma ferramenta presente na rotina das crianças. Neste sentido, é preciso atentar às representações e discursos adotados, uma vez que podem ser fatores decisivos na construção de identidade dos alunos.

Ainda, segundo SILVA (2005), é papel do professor ter uma visão crítica sobre os conteúdos utilizados, uma vez que

o professor pode vir a ser um mediador inconsciente dos estereótipos se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão. (SILVA, 2005. Pág. 24)

Ou seja, a pauta racial deve ser um elemento central na formação de professores críticos e reflexivos, além de ser tema constante de discussões entre educadores e profissionais das escolas. É preciso garantir que, além de propor mudanças na forma de retratar a população negra nos livros, os professores sejam capazes de identificar uma representação racista e imediatamente refutar tais afirmações para as crianças, de forma que elas percebam também seus próprios discursos e ideologias.

Acerca disto, Lima (2005) explica que a literatura não transmite sua mensagem somente através do texto escrito, mas faz uso de imagens ilustrativas e, neste conjunto, constroem enredos e percepções em quem está consumindo a obra (LIMA, 2005).

Novas perspectivas de diversidade

Atualmente, discussões sobre raça vêm ganhando espaço em todas as áreas da sociedade, e na educação não é diferente. Para cumprir seu papel social – que é desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos – a escola precisa considerar todos os aspectos que envolvem as próprias crianças (COSTA, 2012).

As instituições de ensino e, especialmente, educadores, estão trabalhando para transformar discursos e ideologias preconceituosas e estereotipadas sobre a população negra. Cada vez mais é possível encontrar livros com protagonistas afrodescendentes que têm como conteúdo principal a construção da identidade, representação e discussões sobre o que significa ser negro na sociedade atual.

Neste sentido, o livro *Com que penteado eu vou?*, de Kiusam de Oliveira, faz um trabalho fundamental de trazer protagonismo ao cabelo crespo, suas particularidades e belezas, garantindo que crianças com essa característica se vejam representadas de forma positiva. Ao combater representações racistas e negativas seja no material didático ou nas relações sociais, os professores contribuem para a construção de uma imagem positiva acerca da identidade de alunos negros. Ao trabalhar com obras que tenham narrativas inclusivas e que adotem discursos antirracistas, tanto crianças brancas como negras, passam a desmistificar a relação superior/inferior relacionada à raça.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As primeiras imagens analisadas neste estudo, consistem em ilustrações e fotografias presentes no livro didático *Princípio do Saber – 5 anos*, com 275 páginas, utilizado no 2º semestre pelo sistema Mackenzie de Ensino na Educação Infantil. É importante destacar que todas as imagens do livro foram analisadas e fichadas, conforme o processo metodológico descrito anteriormente.

Neste momento, destacaremos algumas ilustrações em que a representação racial é ausente, e analisaremos as imagens que possuem algum tipo de representatividade dentro do livro didático.



Imagem 1 - página 12. Princípio do Saber 2o semestre – 5 anos.

A primeira imagem do livro mostra um grupo de pessoas brancas dentro de um carro, passeando pelo que parece ser um safari, com vários animais em volta. A ilustração se encontra na página 12 e as crianças negras não são inseridas neste cenário, assim como as outras imagens que se seguem até chegarmos na página 45.



Imagem 2 – página 144. Princípio do Saber 2o semestre – 5 anos

Partindo para a página 144, há um ponto interessante: há 4 fotos de diferentes famílias (antigas e modernas) que são base para uma atividade proposta. Nenhuma das imagens contém membros negros que formam os núcleos familiares.

A representação familiar nos livros didáticos desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, especialmente no caso das crianças negras. Ao apresentar diferentes modelos de famílias que reflitam a diversidade étnica e racial da sociedade, os livros didáticos têm o poder de promover a inclusão, a identificação e a valorização das crianças negras, fortalecendo sua autoestima e construindo uma imagem positiva de si mesmas. De acordo com Silva e Santos (2019),

a representação da família étnico-racialmente diversa nos materiais didáticos é essencial para que as crianças negras se vejam como protagonistas de suas histórias, reconhecendo-se nas personagens e valorizando sua identidade racial (Silva e Santos, 2019)

A falta de representatividade pode levar as crianças negras a se sentirem invisíveis e marginalizadas, além de reforçar estereótipos e preconceitos presentes na sociedade. Ao apresentar modelos de famílias que reflitam a diversidade étnico racial, os livros didáticos contribuem para a inclusão e para a construção de uma imagem positiva das crianças negras, fortalecendo sua autoestima e sua identidade cultural.

O segundo objeto de pesquisa deste estudo, foi o livro didático do Governo do Estado de São Paulo, chamado de Caderno do Professor. Especificamente o Volume 1 para Crianças Pequenas, com 271 páginas. Assim como o primeiro livro analisado, as imagens deste objeto de pesquisa também foram fichadas, como relatado no processo metodológico descrito anteriormente.

UNIDADE 3

LEITURA E CONTAÇÃO
DE HISTÓRIAS

As crianças têm muito o que aprender em relação ao universo da linguagem escrita. A qualidade do vínculo que estabelecem com esse universo colabora com o grau de interesse que cresce quando elas vivenciam situações prazerosas de leitura de histórias, com mediadores que valorizam cada uma dessas ações. Ao ouvir diferentes histórias (lidas ou contadas), as crianças aprendem a ter comportamentos leitores e a escutar. Imaginam, ampliam seu vocabulário e suas referências culturais, estruturam suas narrativas e aprendem a apreciar a estética das palavras. Lidas ou contadas, as histórias devem sempre passar pelo imaginário, pela vivência e pela relação positiva com o mundo letrado.



Imagem 3 - página 41. Caderno do Professor – Volume 1: Crianças Pequenas

Na segunda imagem presente no livro, nos deparamos com a primeira ilustração contendo uma pessoa negra. No caso, representada pela professora, que conta uma história para dois alunos brancos. Como dito anteriormente, a estrutura das ilustrações neste livro é mais voltada ao lúdico, portanto, as características raciais não são totalmente presentes em nenhum caso. Dito isso, o cabelo da professora, por exemplo, não é encaracolado e ela não possui outros traços característicos.

O último objeto de pesquisa estudado foi a EMEI Gabriel Prestes, localizada no centro da Cidade de São Paulo. A escola, fundada em maio de 1953, foi idealizada pelo então Chefe do Departamento de Cultura de São Paulo, o poeta Mario de Andrade.

Desde então, atua na Educação Infantil e atende crianças de 20 nacionalidades diferentes, incluindo angolanas, peruanas, francesas, senegalesas e bolivianas. Segundo Marilene Sales de Melo, coordenadora pedagógica da EMEI desde 2020, a escola recebe alunos dos mais diversos perfis: famílias em situação de vulnerabilidade até moradores da região que se identificam com a proposta do currículo.

A escola possui algumas atividades que contribuem para o reconhecimento e construção da identidade das crianças presentes ali, dentre elas, a produção de autorretratos feitos pelas crianças, explorando suas próprias características físicas e retratando-as em desenhos.



Imagem 4- Autorretratos feitos pelos alunos da Educação Infantil na EMEI Gabriel Prestes / SP

Este tipo de atividade contribui para que a criança pequena não só perceba os traços que se assemelham ou diferem uma das outras, como valorizem e apreciem seus próprios aspectos individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, que combina uma análise da presença do racismo na sociedade e na escola e sua influência no desenvolvimento das crianças por meio de uma avaliação das representações raciais nos livros didáticos, torna-se evidente a importância crucial de abordar de maneira consciente e inclusiva a construção da identidade étnico-racial durante os primeiros anos de vida.

Apesar das iniciativas positivas de inclusão e representação, persistem imagens que excluem ou minimizam a presença de crianças negras, demonstrando a necessidade de um exame mais profundo. As implicações dessas representações vão além do âmbito estrito da educação, influenciando não apenas os processos educacionais, mas também desempenhando um papel crucial na formação de identidades e no desenvolvimento da autoestima das crianças, conforme destacado por diversas pesquisas. Portanto, desfazer estereótipos e promover uma educação inclusiva e justa exige não apenas uma análise contínua dos materiais, mas também uma ênfase vigorosa na valorização da diversidade étnico-racial.

Além disso, é de suma relevância destacar a representação de crianças nos ambientes escolares. A pesquisa revelou que, muitas vezes, as representações raciais inadequadas nos livros didáticos refletem-se também nos relacionamentos e interações no contexto escolar, contribuindo para um ambiente que pode perpetuar preconceitos e discriminação. Portanto, a ênfase na representação positiva de crianças negras não deve se limitar apenas aos materiais didáticos, mas também se estender à construção de ambientes escolares que promovam a igualdade, o respeito e a compreensão.

Ao priorizar a representação positiva de indivíduos negros, oferecendo-lhes papéis de destaque e narrativas enriquecedoras, a Educação Infantil pode desempenhar um papel significativo no combate ao racismo e incentivo à formação de uma sociedade mais equitativa.

Além do estudo teórico e das formulações conceituais, esta pesquisa encontra respaldo na prática discursiva, no contato com saberes e experiências de vida. Um exemplo ocorreu durante uma aula da Professora Debora Cardoso, que trouxe ênfase ao tema e, uma aluna sentindo-se conectada com o assunto, discorreu sobre sua experiência pessoal durante os anos escolares. Desta forma, é possível ressaltar a importância da pesquisa e de uma sensibilidade mais aguçada em relação às práticas antirracistas. Portanto, o estudo aponta

para a necessidade premente de superar as limitações das representações tradicionais e estereotipadas, visando construir um ambiente de aprendizado que celebre a diversidade e promova uma compreensão mais profunda e respeitosa entre os alunos.

A continuidade dessa discussão é necessária, mais pesquisas precisam ser realizadas. A chamada à ação aqui é incentivar as instituições educacionais a não apenas reconhecer, mas também reavaliar e reformar suas abordagens ao conteúdo curricular. Essa reavaliação não se trata apenas de uma revisão superficial, mas sim de uma transformação estrutural que busca garantir que todos os alunos, independentemente de sua origem étnico-racial, sejam representados de maneira positiva e autêntica em seus materiais de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, SILVIO. Racismo Estrutural. 1 ed. São Paulo: Jandaíra, 2018. p. 25-50.
BRITTO, D.S. Educação integral na Emei Gabriel Prestes (SP): uma escola que é pra dentro e pra fora. Cepec, 29/03/2023. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/noticias/educacao-integral-emei-gabriel-prestes>. Acesso em: 24/10/2023.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar. São Paulo: Contexto, 2000. p. 32-38

CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e Antirracismo na educação: Repensando nossa escola. 3 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-159.

COSTA, V. L. P. Função Social da Escola. Tocantins: DRE Araguaína, 2012. Disponível em: https://drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf. Acesso em: 27/03/22.

DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2021. p. 12.

DUMORNAY, Nathalie M., LEBOIS, Lauren A.M., RESSLER, Kerry J., HARNETT, Nathaniel G. Racial Disparities in Adversity During Childhood and the False Appearance of Race-Related Differences in Brain Structure. *American Journal of Psychiatry*, [S.l.], v. 180, n. 8, p. 830-831, fev. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.21090961>. Acesso em: 01/03/2023.

EMICIDA. Amoras. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

GAMA, Renato. Nequinha, Sim! São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023. LIMA, Heloísa Pires. Superando o Racismo na Escola. 2 ed. Brasília: Unesco, 2005. p. 101-116.

MELO, K. E. D. S. A construção da identidade na Educação Infantil. São Paulo: Entretanto, 2019.

MUNANGA, K. (2013). Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes.

OLIVEIRA, Ednalva Rodrigues De et al.. O cabelo crespo e a representação social na educação infantil. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61248>>. Acesso em: 18/08/2023 09:04

OLIVEIRA, J. F. (2020). "Identidade negra e representatividade: a importância da inclusão de personagens negros nos livros didáticos." Revista Interações: Cultura e Comunidade.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-122.

RIBEIRO, D. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Educação Antirracista. São Paulo: SME/COPED, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/04/Curriculo-da-Cidade-Ed.-Antirracista.pdf>

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal da Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana. São Paulo: SME/DOT, 2016. Disponível em: https://www.sinesp.org.br/images/9_-_INDICADORES_DE_QUALIDADE_NA_EDUCACAO_INFANTIL_PAULISTANA.pdf

SILVA, A.C. D. Superando o Racismo na Escola. 2 ed. Brasília: Unesco, 2005. p. 21- 28

SILVA, A. C. D. A discriminação do negro no livro didático. Salvador: CED, 1995.

SILVA, D. C.; SANTOS, A. P. (2019). "A importância da representatividade familiar negra nos livros didáticos infantis." In: Anais do Seminário de Pesquisa do PROPIEDADE - IFPI (Vol. 9, No. 1).

SOUZA, A. S. D; OLIVEIRA, G. S. D; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: Princípios e Fundamentos. Cadernos da Fucamp, Uberlândia, v.20, n. 43, p. 64-83, 2021.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Do início ao fim: população negra tem menos oportunidades educacionais. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-oportunidades-educacionais-2/>. Acesso em: 27/03/22.